

ARTE E POLÍTICA

Lasar Segall

No mundo das artes plásticas, sempre existiram as divergências e lutas entre os modernos, quer dizer, os inovadores, e as forças reacionárias, hoje em dia personificadas pelos artistas chamados de acadêmicos e seus partidários.

Convém frisar desde já que nada de comum existe entre a arte acadêmica e a arte clássica, da qual os acadêmicos pretendem ser únicos e legítimos sucessores. A confusão foi estabelecida por eles, em seu próprio proveito, é claro. Apenas se esquecem que os grandes mestres do passado eram os “modernos” os inovadores de seu tempo e igualmente atacados pelos reacionários das respectivas épocas, os quais, aliás, tampouco passaram para a posteridade como para ela passarão os seus êmulos de hoje. Pois o que constitui a verdadeira arte, aquela que se sustenta pelos séculos, sem embargo de épocas, escolas e conceitos, é o gênio criador que nela se revela, e nunca esse gênio criador, essência de toda arte, poderá existir sem a liberdade individual de expressão.

De antemão se confessam isentos de seu sopro vital aqueles que, sem desejo ou possibilidade de evolução, se aferram servilmente aos restritos preceitos escolares das academias. A história da arte demonstra cabalmente que foram sempre as forças criadoras e renovadoras que saíram vencedoras da luta, em detrimento daqueles da estagnação estéril. Também em nossa época a luta já está mais do que decidida. Ao lado dos fulgurantes nomes universais de Manet, Monet, Pissarro, Toulouse-Lautrec, Cézanne, Van Gogh, Picasso, Braque, Utrillo, Matisse, e inúmeros outros que marcaram etapas na história da arte contemporânea, nomes familiares no mundo inteiro a qualquer pessoa moderadamente informada, quantos pintores se encontram dos chamados acadêmicos, que tenham granjeado um renome universal ou deixado um marco durável na realização artística do nosso tempo?

No que toca aos ataques de que tenho sido alvo durante a minha exposição e que têm em parte sua origem nos círculos artísticos reacionários, são compreensíveis, pois mesmo quem vê sua causa irremediavelmente perdida, conserva o direito de fazer um esforço para luta pela sua sobrevivência. Por esse motivo, nem cismo em levá-los a mal. Aliás, devo confessar com toda a franqueza que a crítica desses círculos interessa tão pouco, hoje em dia, como interessa a sua própria arte.

No entanto, o caso muda de figura quando esses ataques assumem uma feição política, sobretudo no momento atual. Aqui, já é visto, trata-se de reacionários de outro quilate. O Brasil e todas as suas forças materiais e espirituais se acham empenhadas ao lado das Nações Unidas na luta contra as forças da barbárie, destruição e retrocesso, desencadeadas em escala nunca vista contra o mundo. Quando, num momento como este, tentam incentivar preconceitos raciais e étnicos, fomentar ódios, lançar a discórdia e a confusão e sob o pretexto de crítica adotam a terminologia de propaganda das nações do Eixo e aplicam em sentido injurioso a um artista e à sua produção os rótulos de “russo”, “judeu”, “arte degenerada”, etc., não pode haver dúvida quanto aos verdadeiros sentimentos políticos que animam os autores de tais “críticas de arte” e de onde o vento sopra.

(In *Revista Acadêmica*, nº 63, Rio de Janeiro, maio 1943.)

